

ENTREVISTA

Prof. Dr. Dejalma Cremonese (Universidade Federal de Santa Maria)

Sobre o entrevistado — Dejalma Cremonese é licenciado em Filosofia FAFIMC - Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição - Viamão RS (1990); estudou 2 anos de teologia na FAPAS - Santa Maria RS (1991-1992); Especialista em Pesquisa Científica FIC (UFN) (1993-1994); Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - RS (UFSM) (1996); e Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2006). Atualmente é professor Associado II do Departamento de Ciências Sociais da UFSM. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. Tem experiência nas áreas das Ciências Humanas e Sociais com ênfase em Filosofia Política e Teoria Política, atuando principalmente nos temas da Formação e Relações Humana: Se interessa pelos temas da Ética, Felicidade, Política, Democracia e Pós - Modernidade. É palestrante e autor de diversos artigos e livros tendo lançado recentemente "Ética e Felicidade: lições da filosofia antiga para uma vida boa" pela Editora Appris, Curitiba – Brasil (2017); Fundamentos da Teoria Política, Appris, Curitiba (2020) e Democracia e Crise Política no Brasil (2013-2020), Appris, (2021). Coordena o Canal PaideiaTV no Youtube.

ORCID: 0000-0001-5941-592X

Lattes: 1612981086021270

E-mail: dcremoisp@yahoo.com.br

Quais são os possíveis cenários políticos para a eleição no Brasil? Quais partidos políticos podem se destacar?

Dejalma Cremonese — Acredita-se que a mais recente polarização em torno de Lula (PT) e Bolsonaro (PSL – e agora PL) tende a permanecer. Por décadas a polarização política foi protagonizada entre o Partido dos Trabalhadores (PT), com Lula e Dilma versus o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) com Fernando Henrique Cardo, José Serra e Geraldo Alckmin. Agora não mais. A tendência é o crescimento de partidos que fazem parte desses dois blocos políticos: em torno de Lula e Bolsonaro. O PMDB, como sendo o maior partido do Brasil, deve manter sua hegemonia e não pode ser desconsiderado. PSDB deve encolher e se tornar um partido discreto e orbitar distantemente do centro do poder.

Qual o balanço do governo Bolsonaro?

DC — Dizem que uma tragédia não acontece apenas por uma razão. Foram diversas as variáveis que culminou na vitória de Bolsonaro em 2018. A Operação Lava a Jato, protagonizado por Sérgio Moro, o juiz parcial, que excluiu Lula das eleições 2018: um candidato que apresentava, na época, boas intenções de votos nos Instituto de Pesquisas. O crescimento do antipetismo na

opinião pública, a onda evangélica favorável a Bolsonaro e as fake News, foram alguns procedimentos para que Bolsonaro fosse vencedor a quatro anos atrás.

O Governo Bolsonaro será marcado pela truculência nas ações do presidente. Pela negligência no trato da pandemia (negacionismo científico - descrédito nas vacinas, crença nos tratamentos precoce); Um governo inimigo da educação (5 ministros), tratando as universidades, professores e alunos como inimigos do governo; avanço nas políticas neoliberais com a diminuição do Estado. Uma catástrofe, portanto.

Podemos dizer que vivemos o retorno do ciclo de conquistas eleitorais de partidos de esquerda na América Latina?

DC — A tendência neste momento sim. É sabido que de tempos em tempos o pêndulo do espectro político se movimenta: ora para a direita, centro e esquerda. Assistimos nas últimas décadas um avanço de lideranças e partidos políticos de direita no cenário internacional. Em alguns países beirando o protofascismo. Avaliando o resultado das últimas eleições em países da América Latina a tendência é sim, o avanço do espectro mais a esquerda no cenário político.

É possível apontar quais serão os principais temas de agenda da campanha presidencial?

DC — Estamos no início da Campanha eleitoral. Por enquanto as propostas de governo não estão muito claras. A tendência é se agravar a violência política, não apenas no campo simbólico mas no real. A corrupção está sendo a pauta principal, tanto de um lado quanto do outro. Neste sentido estamos vendo a morte da política que tem o objetivo no debate das questões públicas.

Podemos comparar o fenômeno do *antipetismo* - um dos fatores – que culminou na vitória de Jair Messias Bolsonaro ao presente *antibolsonarismo* que poderá levar Luís Inácio Lula da Silva ao Palácio do Planalto?

DC — O *antipetismo* foi sim uma das variáveis que ajudou Bolsonaro a vencer as eleições em 2018 (debateamos acima). Não acredito que Bolsonaro tenha agregado mais simpatizantes e votos durante os quatro anos de sua gestão. Neste sentido Bolsonaro bate no teto entre os seus eleitores – em torno de 30% e ficará por aí. Segundo as últimas pesquisas, é provável que Bolsonaro e Lula permaneçam com o maior percentual de votos com a possibilidade de 2. Turno. A chamada “terceira via” (Ciro e Simone Tebet), embora tenham avançando minimamente nas pesquisas, não conseguirão tomar o lugar nem de Lula, nem de Bolsonaro. Mas seus votos poderão sim possibilitar um segundo turno nas eleições 2022.

Entrevistador: José Renato Ferraz da Silveira.